MANHÃ

Mais uma manhã, os raios de sol iluminam o quarto, um belo dia para se viver. Sons de alegria ecoam pelo jardim. Uma criancinha, pequena e indefesa, chora pelo afago de sua mãe, pedindo carinho, amor e proteção. A sua mãe atende o pedido, retribuindo a choradeira com todo o amor do mundo, enchendo a pequena com carinho e beijos em profusão.

Mais tarde, enquanto as duas almoçavam, ouviram na televisão um comunicado do governo, que dizia.

«Atenção, todos os funcionários das centrais termonucleares devem comparecer, urgentemente, nos seus postos nas centrais.»

Então, com pressa e com um ar de preocupação, a mãe começa a arrumar-se para ir para o trabalho, mas não poderia deixar de se despedir da sua filha querida, com muito amor e pesar, pois não a poderia levar para o trabalho. Assim, disse-lhe adeus.

Triste, a criança olha pela janela, querendo a sua mãe de volta, e espera o seu retorno.

No seu trabalho, a mãe começa a operar as complicadas e delicadas máquinas que controlam o rebuscado sistema de fissão do urânio.

Tudo corria bem e não parecia haver motivos para tanta urgência por parte do governo, com todos os equipamentos e máquinas funcionando e operando normalmente, também não havia nenhum registo de acidentes ou algo de errado com as outras centrais. Mas, durante um teste dos sistemas de refrigeração, todo o combustível radioativo vazou e, sem resfriamento, derreteu os robustos tanques que o continham, gerando assim uma lava radioativa que ferveu toda a água à volta, explodindo toda a central, deixando cerca de cem mortos e quinhentos e setenta feridos. Entre as vítimas, a mãe que ainda tinha a sua filha à espera. Esta nunca imaginaria que aqueles tinham sido os últimos abraços e que aquela seria a última vez que veria a sua mãe.

Matheus Mendes 8A